

BOAS PRÁTICAS

Definições exatas de má conduta científica

Após avaliar centenas de publicações, um grupo de pesquisadores da Universidade de Barcelona, Espanha, e da University of Split School of Medicine, Croácia, constatou que, sem a formulação de políticas que definam explicitamente quais são os tipos de más condutas na ciência e quais procedimentos devem ser adotados, a padronização das boas práticas acadêmicas é dificultada.

O artigo, publicado em dezembro na *PLoS ONE*, analisou 399 periódicos de todo o mundo com alto impacto na área de biomedicina, indexados ao *Journal Citation Reports* durante o mês de dezembro de 2011. Os autores observaram a predominância e o conteúdo das políticas voltadas para as boas práticas, analisando procedimentos adotados em casos de manipulação de dados e alegações de má conduta. Embora publicações na área de biomedicina tenham assumido posição de liderança na formulação de políticas editoriais, há poucas evidências de quais políticas estão voltadas para a prevenção de má conduta de pesquisa e quais aquelas que estão disponíveis ao público.

Dos 399 periódicos científicos analisados, 140 forneceram definições explícitas de má conduta em pesquisa. Falsificação foi diretamente mencionada por 113 publicações; fabricação de dados, por 104; plágio, 224; duplicação, 242; e manipulação de imagem, por 154. O predomínio de todos os tipos de políticas voltadas para reforçar boas práticas foi mais elevado em revistas que endossaram qualquer política vinda de editoras, associações, Office of Research

Integrity (órgão dos Estados Unidos responsável, entre outras funções, pela prevenção de má conduta na prática científica) ou sociedades científicas.

As editoras Elsevier e Wiley-Blackwell tiveram a maioria dos periódicos incluídos na pesquisa – 22,6% e 14,8%, respectivamente. Nas publicações da Wiley prevaleceram definições claras de falsificação e fabricação de dados, enquanto, nos periódicos da Elsevier, o predomínio foi de referências a serviços de checagem de plágio.

Os autores concluíram que apenas um terço das principais publicações tem definições de má conduta disponíveis publicamente e menos da metade descreve procedimentos que devem ser adotados em casos de acusações de manipulação de informações. Como forma de incentivar a formulação de políticas internacionais a partir de órgãos



associados à implementação de procedimentos, o estudo sugere que as revistas e suas editoras regulamentem e tornem públicas suas políticas, com o objetivo de aumentar a confiança em relação aos periódicos. Garantindo, ainda, o aumento dos níveis de transparência no âmbito acadêmico.

Reabilitação científica

Uma alternativa para o tratamento de pessoas com dependência química, as clínicas de reabilitação serviram de inspiração para que James Dubois, um professor de ética da Universidade de Saint Louis, nos Estados Unidos, desenvolvesse um programa de recuperação para pesquisadores que cometeram deslizos de conduta, mas querem uma segunda chance. Certo de que treinamentos voltados para a prevenção de má conduta científica não são suficientes, Dubois criou o RePAIR (Restoring Professionalism and Integrity in Research), que, assim

como uma clínica particular convencional, cobra um preço alto de seus clientes: uma temporada de três dias sai por US\$ 3 mil. O método de recuperação inclui avaliação sobre erros cometidos; discussão sobre medidas de boas práticas e, por fim, é feito um plano individual de prevenção, para que uma “recaída” seja evitada. O programa recebeu US\$ 500 mil do National Institutes of Health. Críticos argumentam que o dinheiro deveria ser usado para financiar mecanismos de educação científica e prevenção, em vez de remediação.